

SC09. Historiografia e identidades

Sônia Menezes

**OS RECURSOS NATURAIS DA MATA ATLÂNTICA NA PERSPECTIVA DO
NATURALISTA DOMINGOS ALVES BRANCO MUNIZ BARRETO, COMARCA DE
ILHEUS, SÉCULO XVIII**

*Norryson Darlan da Costa Macedo¹
Juciene Ricarte Apolinário²*

RESUMO

A literatura de viagem durante o período colonial representou importante fonte de divulgação sobre a colônia brasileira, desde as suas diversidades de fauna e flora quanto as suas mais diversas variações culturais e étnicas. Pensando assim essa literatura serviu de veículo de informação para um reduzido público leitor que se debruçava em conhecer os relatos dos viajantes na perspectiva e contextos sociais aos quais estavam inseridos. Com base nessa documentação e escolha do objeto de trabalho, me deparei com um viajante interessado na temática ambiental e espacial. Muniz Barreto não foi um naturalista formado em Coimbra, mas um militar que enquanto naturalista e conhecedor da História Natural em sua tangente de proximidade, contribuiu para o conhecimento da diversidade ambiental brasileira e a sua divulgação nos gabinetes científicos portugueses. Nesse contexto a presente produção tem por finalidade problematizar as visões sobre a natureza e povos indígenas nos relatos de viagem do militar naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto na Comarca de Ilheus, século XVIII.

Palavras-chave: História Natural; Representações; Meio Ambiente.

ABSTRACT

The travel literature during the colonial period represented an important source of disclosure on the Brazilian colony, from its diversity of flora and fauna as its most diverse cultural and ethnic variations. So thinking this literature served as a vehicle of information for a small readership that leaned in knowing the traveler reports in perspective and social contexts to which they were entered. Based on this documentation and select the work object, I came across a traveler interested in environmental and space theme. Muniz Barreto wasn't a naturalist formed in Coimbra, but a military that while naturalist and connoisseur of Natural History in its proximity tangent, contributed to the knowledge of Brazilian environmental diversity and its disclosure in Portuguese scientific offices. In this context this production aims to discuss the views of the nature and indigenous peoples in travel accounts of military naturalist Domingos Alves Branco Muniz Barreto in Ilheus County, eighteenth century.

Keywords: Natural History; Representations; Environment.

A literatura de viagem durante o período colonial representou importante fonte de divulgação sobre a colônia brasileira, desde as suas diversidades de fauna e flora quanto as suas mais diversas variações culturais e étnicas. Pensando assim essa literatura serviu de veículo de informação para um reduzido público leitor que se debruçava em conhecer os

¹ Mestrando/PPGH-UFCG;

² Professora/PPGH-UFCG;

relatos dos viajantes na perspectiva e contextos sociais aos quais os viajantes estavam inseridos.

Especificando os fatos e o recorte temporal, me detenho nesta pesquisa a problematizar o conjunto de documentos oficiais dentre requerimentos e atestados enviados a Portugal, sugere ao historiador desmistificar a ideia de história oficial. Com base nessa documentação e escolha do objeto de trabalho, me deparei com um viajante interessado na problemática ambiental. Não foi um naturalista formado em Coimbra, mas um militar que enquanto naturalista e conhecedor da História Natural em sua tangente de proximidade, contribuiu para o conhecimento da diversidade ambiental brasileira e a sua divulgação nos gabinetes científicos portugueses. Ao longo desta produção, algumas perguntas foram feitas as fontes, sobre como os recursos naturais da Mata Atlântica eram percebidos na perspectiva do militar-naturalista.

Como aponta Keith Thomas na sua obra *o homem e o meio natural*, o século XVIII assistiu à popularização da história natural por autores que escreviam no vernáculo e não em latim, e que visavam tanto divertir quanto instruir. Poderia esses inscitos sobre a história natural ser elaborados por homens de conhecimento razoável na área da botânica sobre os recursos naturais, ou ser construídos por militares ou aventureiros como o capitão da infantaria do regimento de Extremoz Domingos Alves Branco Muniz Barreto. Os naturalistas descobriram também que para a maioria das pessoas do início dos tempos modernos o mundo das plantas estava carregado de sentido simbólico³.

Assim a descoberta do Novo Mundo colocou os colonizadores europeus em contato com uma natureza até então estranha e desconhecida nos gabinetes científicos portugueses, onde as populações indígenas desvelaram aos europeus como utilizá-la, especialmente enquanto panacea medicinal⁴. Esses estímulos descritivos fortaleceram a produção de farta literatura que mesclava Medicina e o estudo da natureza⁵.

Enquanto militar do regimento de Extremoz, Domingos Alves Branco fazia importantes levantamentos sobre História Natural, esses levantamentos mostrou a Portugal o mundo das florestas brasileiras e suas mais variadas fontes de naturezas medicinais. O grande verde era promovido em Portugal como possibilidade de exploração de novos expoentes de recursos

³THOMAS, Keith. *O Homem e o meio natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e a aos animais (1580-1800)*- Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴ *Medicina, história em exame/ Heloísa Maria Murgel Starlong, Lígia Beatriz de Paula Germano, Rita de Cássia Marques, organizadoras*- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

⁵ *Idbem*. P. 85

naturais que poderia suprir o Império Ultramarino Português em sua escassez de novos produtos que possibilitaria o reconhecimento das matas e dos recursos minerais brasileiros enquanto continuação da exploração da natureza e suas mais variadas manifestações sócio-espaciais.

A natureza enquanto fonte de pesquisa histórica é uma corrente historiográfica bastante conhecida nos tempos atuais em função das mais variadas modificações do espaço natural através das ações antrópicas. As dinâmicas das relações entre o homem e o espaço natural aponta a natureza enquanto fonte de imensa disponibilidade de materiais sem pensar no seu esgotamento de exploração dos recursos coletados ou descritos pelos preceptores. Essa fragilidade em não perceber a natureza enquanto a sua estabilidade dos recursos como algo persistente que necessitava de um controle, fora pensado em sua constância no século XVIII a necessidade de controlar e apreender essas riquezas para que elas durassem por longos tempos, e posteriormente se tornassem de uso exclusivo da metrópole.

Pensando na ideia de duração e na perpetuação dos estudos sobre História Natural, é observável a preocupação do militar naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto em conhecer a natureza e os seus recursos de interações com aqueles que conheciam de fato as serventias medicinais da flora brasileira. Os naturalistas queriam encontrar respostas no meio ambiente que correspondessem às necessidades financeiras de Portugal, partilhando assim as matas brasileiras no bojo das atividades comerciais de exploração dos recursos naturais da flora e fauna local.

Os ditos naturalistas buscavam encontrar as mais variadas plantas exóticas que coubessem em seus catálogos espécies ainda não estudadas, e nem muito menos relatadas nos gabinetes científicos portugueses, logo essas medidas iriam promover a natureza brasileira nos campos de apreensão dos saberes da natureza partindo da necessidade em atribuir valores científicos as relações dos povos que nela sobreviviam e se relacionavam diretamente com o meio ambiente.

A natureza possibilitou aos povos indígenas conhecimentos importantes sobre ervas medicinais e os mais diversos conhecimentos sobre as matas nas suas zonas de vivência. Essas zonas de apropriações traziam familiaridades com o seu meio natural, assim conhecer os usos da natureza partindo do conhecimento dos indígenas seria a melhor maneira de conhecer os ecossistemas brasileiros.

Para o império ultramarino português a racionalização seria a melhor maneira de apropriação dos recursos naturais disponíveis na sua rica e imensa colônia americana, como

saída na formalidade e sentimento de posse dessas riquezas energéticas e verdes, os reconhecimentos dessas narrativas fizeram desses viajantes peças fundamentais na estratégia de controle do espaço colonial por meio do discurso de dominação dessas terras de legitimidade dos povos indígenas.

As terras ricas em fauna e flora imensas possibilitaria aos homens de ciência aproximação com o verde da colônia que mais uma vez seria a saída para retirar Portugal da crise de recursos financeiros, assim como no primeiro momento de ocupação, desmatando, capturando e racionalizando as mais diversas estratégias de efetivação de posse do patrimônio verde da colônia americana.

Segundo a historiadora Ângela Domingues, o reconhecimento do Brasil seria um elemento vital⁶ para a sobrevivência do reino e na necessidade de defender a soberania portuguesa e a integridade do território colonial. Assim os relatos dos viajantes como os do militar-naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto, iria catalogar as ervas medicinais brasileiras para que Portugal controlasse-as segundo estratégias dos seus recursos naturais para uso do Império Ultramarino.

Nessa captura do grande potencial verde das matas brasileiras durante o século XVIII, é importante ressaltar o período de racionalização do pensamento acadêmico e burocrático português. As mudanças drásticas nas estruturas de ensino e novos métodos de aperfeiçoamento da medicina na metrópole refletiram também na sua colônia. As reformas pombalinas foram decisivas nas viradas de pensamentos para os homens de ciências portugueses. Algumas espécies vegetais foram transportadas para os jardins e academias científicas portuguesas. No que tange aos conhecimentos dos espaços e suas apropriações, segundo Keith Thomas o uso das ervas medicinais no que corresponde a Inglaterra e as apropriações dos saberes sobre os vegetais das suas colônias apoiou-se na ideia de buscar e apreender nos seus espaços de dominação das ervas das mais variadas finalidades:

O que levou às primeiras expedições de coleta de plantas foi um objetivo prático: registrar ervas de utilidade medicinal e trazê-las para serem cultivadas em jardins construídos com essa finalidade⁷.

⁶ DOMINGUES, Ângela. Quando os índios eram vassalos: COLONIZAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER NO NORTE DO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII. LISBOA: COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES, 2000.

⁷ THOMAS, KEITH. O homem e o meio natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e os animais (1500-1800)/ Keith Thomas: tradução João Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Retornando ao recorte espacial ao qual me atenho a problematizar, no século XVIII, os jardins de aclimatação já era uma realidade ao Império Ultramarino Português no que concerne esse tipo de prática mencionada na citação acima. Representar a imponência em conhecer as matas das mais diversas partes do planeta e mecanismos de apropriação de saberes que viessem a elaborar usos e classificações dessas vastas coleções ambientais. Lorelay Kury, ao se dedicar aos estudos das plantas e circulação das mesmas no século XVIII apontou que:

Os jardins estiveram associados a atividades de espionagem, contrabando, circulação de mudas, sementes, técnicos, plantadores, botânicos e suas técnicas. Com as plantas circulavam também manuscritos, além de panfletos, revistas e livros impressos que auxiliavam no processo de coleta, identificação, transplantação, aclimatação e cultivo de espécies⁸.

Essas coleções de achados de recursos naturais asseguravam para Portugal o controle dessas terras que como coloca José Otávio Aguiar em sua tese de doutorado, todas as variedades de percepções e olhares foram construídas para atender a avidez de um público interessado sobre os segredos da oculta e resguardada América Portuguesa (AGUIAR,2012).

Na continuidade sobre os diálogos com as instituições de cunho científico, lideradas por homens de ciência como o naturalista paduano Domingos Vandelli, foram decisivas para reconhecimento do potencial de exploração das riquezas naturais brasileiras sobre a égide da racionalidade do reformismo ilustrado do século XVIII.

Todavia, não podemos desmerecer os primeiros contatos dos jesuítas com os povos indígenas no século XVI fizeram com que os vegetais utilizados fossem analisados e as suas práticas curativas fossem apreendidas e os conhecimentos das matas seriam estratégias na busca pela cura de doenças, tendo por base de manuseio deste espaço a necessidade de conhecimento as matas e as relações inter-étnicas com os biomas brasileiros em suas mais variadas dimensões sócio- espaciais.

Os ecossistemas brasileiros completavam os olhares pitorescos dos viajantes que por aqui andavam para suprir a emergência de maior quantidade de dados sobre História Natural das suas colônias, a Academia de Ciências de Lisboa foi uma instituição científica portuguesa que ganhou com a atribuição de valores racionais a natureza pelos viajantes.

⁸ KURY, Lorelay. Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX. In. Plantas sem fronteiras: jardins, livros e viagens séculos XVIII- XIX. Rio de Janeiro. Andrea Jakobson, 2013.

Como correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, mesmo sem possuir contato direto com as reformas da História Natural, Muniz Barreto conhecia os materiais coletados e acreditava que os mesmos seriam representações da existência de ervas da mata atlântica de utilização cotidiana pelos indígenas e luso-brasileiros. Para exemplificar os vegetais, o militar buscou se aproximar dos relatos orais para a imposição de suas categorias taxinômicas dos materiais coletados. O vegetal iria passar na Academia de Ciências de Lisboa pelo ofuscamento do conhecimento popular⁹, o que acarretaria na imposição de descrédito do conhecimento tradicional indígena.

As dimensões das relações entre nativos e viajantes possibilitou na coleta e enriquecimento das relações sobre os dimensionamentos da natureza. Voltando na dialógica desta pesquisa, Domingos Alves Branco Muniz Barreto fazia ciência da sua maneira enquanto militar e desconhecedor das categorias que seriam impostas pelas academias científicas portuguesas aos usos e representações dos vegetais nos interiores das matas. Ao se dedicar a catalogar as ervas, Muniz Barreto representava a extensão dos saberes e práticas de apropriação de um povo que necessitava ser civilizados¹⁰ na sua perspectiva de racionalização do espaço.

Ao percorrer as matas e sublevados da comarca de Ilheus, na capitania da Bahia, o naturalista autodidata facilitava o contato dos indígenas com as suas estratégias de apropriação do conhecimento dos tupinambás para formulação de descrições sobre as ervas manipuladas e de uso cotidiano para esses povos na busca pela cura das mais variadas doenças, desde as comuns aos nativos, sejam as trazidas pelo contato com o homem europeu.

Não era uma simples folha catalogada, nos herbários, as significações sobre os conhecimentos dos povos tupinambás da Comarca de Ilheus foram de importância incomensurável para concretização escrita e iconográfica das matas brasileiras. Inspeccionando as matas da sua volta os militares transformavam o uso da sensibilidade cotidiana para a fabricação de ideias de uma colônia de fontes de enriquecimento para a metrópole que teve como finalidade obter na natureza do mito sagrado pelos indígenas, os seus ideais de exploração, conhecendo o diferente do seu mundo e confiscando nos discursos e percepções visuais as matas como desejo de racionalização.

No embate sobre a racionalização, a busca pela história natural da colônia do Novo Mundo abarcou para Portugal o aumento material de plantas e animais capturados enquanto

⁹ *Ibidem*, p. 105.

¹⁰ Plano de civilização dos índios de autoria de Domingos Alves Branco Muniz Barreto

objetos de estudos e formadores de memórias das instituições científicas portuguesas. As memórias da história natural do novo mundo não apenas apresentou uma técnica de apreensão ela fez parte do cotidiano de naturalistas que queriam constar nos seus relatos técnicos ciência e significados mais amplos em se tratando de relatar nos produtos coletados os exames dessas matas sobre os usos das ervas¹¹ da vegetação da Mata Atlântica.

Como conhecedores das matas e suas mais diversas circulações e afinidades os indígenas e a academia de Ciências de Lisboa para Domingos Alves Branco Muniz Barreto seriam os maiores beneficiados com a apropriação e a catalogação das ervas medicinais. Para o militar-viajante, os herbários colocaria facilmente a identificação pelos índios e seus usos para que também faria menção aos produtos remetidos pela coleta.

Este ambiente constituído por uma gama de ervas causou impressionismos para os colonizadores portugueses, na necessidade de obter da natureza as respostas para as curas das doenças as utilizações dos vegetais para os europeus era enquadrada na categoria de demonização, pois necessitava atribuir saberes científicos as plantas aqui existentes. Ao mencionar esse uso de apropriação das ervas segundo a historiadora Juciene Ricarte Apolinário:

O tempo se encarregou de mostrar aos colonizadores a importância do conhecimento tradicional indígena em relação aos vegetais oriundos de biomas tão diversos como, o Cerrado, a Caatinga, Floresta Amazônica ou Mata Atlântica¹².

As mais variadas manifestações da natureza descrevia a importância das ervas nos cotidianos dos seus autóctones, para o uso e reconhecimento desses ecossistemas enquanto espaços de sociabilidades e interações culturais perceberam que o meio natural mostrou aos povos indígenas planos de uso dos vegetais enquanto fontes transformadoras de sociabilidades dos seus cotidianos. As práticas médicas partindo da utilização de ervas e vegetais da natureza de interação eram medidas tomadas não apenas pelos povos tupinambás, que já faziam uso das ervas na busca pela cura das mais variadas doenças.

Todavia, os colonos na ausência de profissionais da medicina formados nos espaços acadêmicos portugueses também recorriam às práticas culturais que os povos indígenas faziam das matas para finalidades de melhorias, tendo o grande cinturão verde das matas

¹¹ BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz Barreto. *O Feliz Clima do Brasil de Domingos Alves Branco Muniz Barreto*/ edição e pesquisa Anna Paula Martins- Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

¹² APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Usos e Circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX. In. *Plantas nativas: indígenas coloniais: usos e apropriações da flora da América portuguesa*. Rio de Janeiro. Andrea Jakobsson, 2013.

como fornecedora e a crença na melhoria da saúde do beneficiado com as ervas, enxergando a cura como aliada dos espaços verdes da natureza.

A natureza controlada pela História Natural estrutura um conjunto de linguagens e signos das definições da natureza enquanto descrição por códigos que traziam os reconhecimentos das plantas e as suas estruturações discursivas de cada material catalogado. A linguagem utilizada por Domingos Alves Branco Muniz Barreto sobre a natureza das aldeias de Massuarandapió, São Fidélis, dentre outras da Comarca de Ilheus, descreve o conhecimento das plantas e suas respectivas identidades de uso e como o espaço das sociabilidades indígenas deveriam ser dirigidos pelas autoridades portuguesas.

As distinções tornam as plantas objetos de representações que analisam segundo o naturalista os conjuntos sociabilidades que possuía no lugar relações de caráter representativo. Não de estabelecimento imediato de um sistema ordeiro, mas que constitua a ciência enquanto signos que não esqueçam as identidades dos povos relatados por meio da linguagem dos relatos sobre História Natural.

Enquanto esses relatos eram postos em cheque pela validação científica das academias científicas europeias, a natureza não traçou limites para o conhecimento daquilo que a constitui em sua essência. A natureza vista enquanto possibilidade de pensar a sua diversidade vegetal nas suas mais variadas denominações de sistemas.

Os sistemas atribuídos aos mecanismos da História Natural passava para os viajantes a ideia de homogeneidade das práticas médico-curativas. Não se deve esquecer que a diversidade étnica e ambiental de cada espaço correspondia a sua identificação com a natureza. Os procedimentos adotados pelos viajantes que aqui circulavam no século XVIII usaram em construir narrativas sobre os povos nativos e as maneiras como esses se relacionavam com as plantas.

Na ideia de abominar os instrumentos de coleta as quais os povos indígenas utilizavam, ao me deparar com a documentação a qual me determino a operacionalizar, observo a tentativa de Domingos Alves Branco Muniz Barreto em solicitar ferramentas que apresentassem aos povos tupinambás novas técnicas de manuseio da terra, fazendo com que os nativos esquecessem as suas idas entidades culturais com a terra e passassem a enxergar o lugar do ponto de vista da racionalidade do espaço.

Essas tentativas imperialistas de designar e proteger a colônia brasileira de outros olhares europeus culminou na necessidade de desempenhar razão na dinâmica da natureza, controlando as ações da mesma e dos seus povos. A farmacopeia indígena estava situada nas

relações com o ecossistema natural, os recursos disponíveis nas mais variadas formas de usos sobre as plantas no século XVIII. Na mesma razão fez com que os domínios do meio natural completassem de encarregar ilustrações sobre as observações em matéria médica que se esforçava em analisar a utilização dos recursos naturais. Observando o posicionamento da historiadora Lorelay Kury:

As plantas desempenhavam papel central nas preocupações dos governos e nas estratégias individuais de sobrevivência e posicionamento social de militares, técnicos aventureiros, homens de ciências e letras¹³.

Enquanto matéria médica para base de futuros estudos científicos realizados pelos naturalistas e homens de ciência portugueses. Com o interesse voltado para as plantas exóticas, o recrutamento dos conhecimentos medicinais iria marcar o desenrolar das ciências naturais no Brasil, tendo como matriz de produção as matas e as mais variadas especificidades de cada recurso experimentado.

Os recursos catalogados por Domingos Alves Branco Muniz Barreto serviram de préstimo para a saúde pública na colônia, que com os acréscimos de crença em elementos sobrenaturais auxiliavam nas receitas usadas pelos tupinambás que incorporavam virtudes qualidades e serventia que constituíam nesses medicamentos uma querela de tradições ancestrais e que se resinificavam a cada geração.

Para tratamento das mais variadas enfermidades eram alçadas com valor de empiria dos conhecimentos de quem já constituía a panaceia médica na defesa da natureza enquanto um conjunto recursos que prestavam assistências de sensibilidades e determinantes de modificação cultural.

Afirmar as manipulações das ervas medicinais como atividades demoníacas no tocante aos anseios curativos mostrava o desconhecimento do conjunto de relações construídas pelos nativos na arte da Medicina tradicional indígena. Os recursos naturais para os tupinambás descritos por Muniz Barreto estava para eles como mentores de cotidianos e práticas curativas de sobrevivência e fortalecimento de suas respectivas formações de identidades.

Na gama dos recursos naturais encontrados pelo militar estavam vegetais que possuíam incalculáveis valores na esfera do simbólico para o nativo e para os homens de ciências. A ipecacuanha do mato, o jamborandi eram exemplos de vegetais que foram

¹³ KURY, Lorelay. Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX. In. Plantas sem fronteiras: jardins, livros e viagens séculos XVIII- XIX. Rio de Janeiro. Andrea Jakobson, 2013.

inspecionados pelo olhar do militar-naturalista, ao coletar das matas essas plantas e estampá-los de forma que as observações pela Academia de Ciências de Lisboa realizassem estudos de observações sobre as suas andanças com a ideia em possibilitar novos experimentos sobre os recursos das plantas e suas identificações e observações.

Observando os povos indígenas e a natureza Domingos Alves Branco Muniz Barreto ao se deparar com o conjunto verde da Mata Atlântica, encontrou espécies vegetais que poderiam ser substituídas pelo uso de outras espécies semelhantes. Essas atribuições e a busca por recursos naturais diferentes que possuíssem atividades semelhantes aos produtos com preços elevados no mercado europeu seria para Portugal a descoberta de novas possibilidades extrativistas das riquezas coloniais. Com menção a documentação disponível sobre Domingos Alves Branco Muniz Barreto ao andar pelas florestas e matas dos outeiros dos Garapiras:

Passando pelas matas mais vizinhas da povoação, com um hábil soldado-marceneiro para fazer um curioso exame sobre os paus de construção de marchetaria e tinturaria que ali se encontram, achei haver em mais abundância os primeiros, excedendo em qualidade e todas as outras partes da comarca dos Ilheus, nos de mocetaiba e sucupira¹⁴.

As dimensões dos recursos naturais do sul da Bahia são observáveis nas narrativas de viagem de Domingos Alves Branco Muniz Barreto, os usos e fertilidades dos solos, as mais variadas espécies de árvores que poderiam ser utilizadas para fins econômicos como a substituição da escassez de outras espécies vegetais, são abundantes na sua obra. As qualidades do ecossistema As interações culturais com os povos tupinambás que por intermédio da oralidade contribuiu bastante da confecção desses discursos utilizados pelas instituições científicas portuguesas.

Este trabalho se responsabilizou a aprofundar os estudos sobre a natureza na perspectiva da História Ambiental, tendo em vista que o mesmo possibilitará revisões e novos debates sobre as viagens do militar-naturalista e suas problematizações concernentes aos recursos naturais e suas percepções sobre os povos tupinambás na Comarca de Ilheus durante o século XVIII.

¹⁴ BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz Barreto. O Feliz Clima do Brasil de Domingos Alves Branco Muniz Barreto/ edição e pesquisa Anna Paula Martins- Rio de Janeiro: Dantes, 2008. P.62

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, José Otávio, BURITI, Catarina de Oliveira. **Meio Ambiente e Cultura nas Capitânicas do Nordeste Colonial: Nacionalismo e Reformismo Ilustrado na Obra do Naturalista Viajante Manuel Arruda da Câmara (1793-1814)**. HISTÓRIA, São Paulo, 28 (1): 2009.
- AGUIAR, José Otávio. A Botânica como missão pedagógica: Manuel Arruda da Câmara e a peculiaridade de suas interpretações sobre as espécies brasileiras (1752-1811) .Clio - **Revista de Pesquisa Histórica** (ISSN 0102-9487), n. 29.1 (2011).
- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Usos e Circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX. In. **Plantas nativas: indígenas coloniais: usos e apropriações da flora da América portuguesa**. Rio de Janeiro. Andrea Jakobson, 2013
- BARRETO, Domingos Alves Branco Muniz Barreto. **O Feliz Clima do Brasil de Domingos Alves Branco Muniz Barreto/** edição e pesquisa Anna Paula Martins- Rio de Janeiro: Dantes, 2008. P.62
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DOMINGUES, Ângela. **Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais dos Setecentos**. Lisboa: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000.
- DOMINGUES, Ângela. **Quando os índios eram vassalos: colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII**. Lisboa: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000.
- FERNANDES, A. “História da botânica em Portugal até fins do século XIX.” In: **História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal**. Lisboa, academia de Ciências de Lisboa, 1987. v.2.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**: Tradução: Salma Tannus Muchail – 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KURY, L.: **Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)**.História, Ciências, Saúde . Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1):109-29, 2004.
- KURY, Lorelay. Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX. In. **Plantas sem fronteiras: jardins, livros e viagens séculos XVIII- XIX**. Rio de Janeiro. Andrea Jakobsson, 2013.
- Medicina, história em exame/ Heloísa Maria Murgel Starlong, Lígia Beatriz de Paula Germano, Rita de Cássia Marques, organizadoras- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- THOMAS, KEITH. **O homem e o meio natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e os animais (1500-1800)** / Keith Thomas: tradução João Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.